A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II—NUMERO 58 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

Gloria a Espanha!

Espanhoes e portuguêses foram sempre, perante a humanidade, aqueles audaciosos e heroicos homens que deram ao Mundo novos mundos. Hoje, mais uma vez, com o feito admiravel do «Plus-Ultra», e com a proeza magnifica do «Lusitania» eles ensinaram a todos os outros o caminho do Progresso. Saudemos a Espanha, que saudiamos a nossa Raça!

O DOMINGO ilustrado
ANO II — N.º 58
LISBOA 21 DE FEVEREIRO DE 1926
PROPRIEDADE DA EMPRESA O DOMINGO ilustrado
DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

Chega-lhe !

O sr. Raul Proença é um dos poucos homens de coragem que ainda descompõem o proximo, a serio, em Portugal. O seu processo de critica é o «arrocho»; os seus remedios, de «agulheta».

São dele as linhas que seguem, em critica á vida portugueza, num artigo «genero esmagador», em que deixa o sr. Cunha Leal a pingar na «Seara Nova»:

«. . . os juizes fazem causa comum com os reus, os ministros declaram amor aos revolucionarios, os bandidos pregam moral, os traidores gritam contra a traição, os militares querem paz, os civis pregam a guerra, as Parcas instauram-se em comissão de redução de despesas, o valor é perseguido, a mediocridade adulada, os jornalistas são autores dramaticos e os autores dramaticos jornalistas, e assim indefinidamente, numa inversão completa de todas as funções, de todos os tributos—*numa vida completa de falsificação e de mentira.*»

Virginia Victorino

A grande poetisa dos «*Namorados*»—que tem um público numerosissimo e seguro—vai publicar, por estes dias, o seu terceiro livro de versos.

A consagrada poetisa sai um pouco do campo restrito do subjectivismo amoroso, onde alcançou tão extraordinaria popularidade, para trilhar caminhos de mais serena e profunda emotividade.

O novo livro de Virginia Victorino é dos raros que entram simultaneamente, na montra das livrarias e no melhor patrimonio literário de Portugal.

Reinaldo Ferreira

No nosso ultimo numero referiamo-nos a reportagens da Russia,—o que não envolvia «piada» encoberta ás belas reportagens de Reinaldo Ferreira, nosso amigo e colaborador brilhante.

Colegio-Liceu de Sintra

Nesta bela instituição teve lugar uma grande festa escolar. Nela foi representada uma peça de teatros da autoria dum dos nossos queridos directores.

«A Choldra»

Recebemos já tres numeros deste semanario-pamfleto de combate e critica. Se algumas vezes nos pareceu exagerado o seu aspecto combativo, hemos de confessar que já nas suas paginas teem aparecido verdades, ditas com coragem e com inteligencia. E' seu director o sr. Eduardo de Souza. Desejamos lhe prosperidades.

CANTO A ESPAÑA EN AMÉRICA

Por-*La-Isla*—que fué como un Eden lejano
surgiendo cuando ya la muerte se acercaba,
el concierto infeliz de un desespero humano
en la naturaleza inquieta se escuchaba.

Sentiase un rumor de extrañas vibraciones...
Como si ahora el mar, la tierra, el viento, el cielo,
cantasen el calor de antiguas emociones
por menguar el sufrir de un presente de hielo...

. . . .

«—Yo fuí.—» decia el viento—el mejor Rey de España!
Cuanta ilusión buscaba, en mi esfuerzo cabia;
y si el mar le oponia, irado, una montaña,
yo le daba mi brazo y ella la trasponia!

Por ella destrozé las nubes.. Con tal guerra,
que se escuchó su nombre en la atmósfera entera.
Antes que se acercase á una tierra, esa tierra
aprendiera en mi boca á besar su bandera!

Fui un soplo de Dios dando vida á su Historia!
Su creyente, y su fuerza, y su esclavo y su dueño;
la voz que proclamó más alto su victoria,
el Rocinante azul en que montó su sueño!

. . . .

«—Yo,»—decia la Tierra—«he sido la Princesa
que en la carcel feudal de su torre distante
atrae y es atraida, encanta y se embelesa
por el canto de amor de un caballero andante!

Por Ella ergui más alto, en un constante anhelo,
mis montes que una luz de nieve iluminaba...
Tuve en cada montaña un brazo erguido al cielo,
que á un tiempo oraba á Dios y ancioso La llamaba...»

. . . .

El mar, entre envidioso y atento, habia oido
la doble confesión de ventura y de pena;
una ola mayor desplomó su quejido,
que la espuma tentó dibujar en la arena...

«—Yo fuí más! Yo fuí más!... El amado enemigo!
Gran Señor Verde-Azul de un Castillo-Misterio!
De toda la ambición que se enfrentó conmigo,
fué mi profundidad la cuna y el cementerio!

Rabioso, revolví mi cuerpo de gigante
que creia reinar en su tentante abismo.
Ella pasó, cantando, y me lanzó triunfante,
con la cruz de un mastil un gesto de bautismo!...

Yo fui quien más le dió, porque le di, luchando,
la conquista inmortal del reino apetecido...
Yo fui quien más ganó, pués sometido,—y amando—
aprendi que en amor la gloria es ser vencido!...—

. . . .

No terminara aún la lucha espiritual
que estallara en-*La Isla*—, aquella noche oscura...
Saliendose por fin de su silencio astral
la Luna despertó los ecos de la altura:

«—Yo, Reina, vi pasar Su audacia enamorada
junto al palacio azul de mi corte de estrellas...
Y la quise prender, prendiendo la mirada
al orgulloso afán... que se guiaba por ellas!

SiguiendolA, segui mil veces el camino
que hoy sigo yá sin fé, por no morir, parando;
y fué su caminar que trazó mi destino
que es el de no encontrarla, y de seguir, rodando!

Cinco mundos del mundo! En vosotros, un dia,
ella entró, fecundando y venciendo... Yo sola
soy el mundo infeliz que no vió todavia
bajar sobre su cuerpo un águila Española!...—»

. . . .

Cesara el ruido. El mar retomára su calma...
Más la canción de amor era aún incompleta;
una sombra moviose... Y la ilusión de un alma
subió cantando al cielo... Era um Dios? un poeta?

«—España!—En el calor del himno insuperado
que á Tierra y Mar y Luna es dulce repetir,
nunca olvides que oir la gloria de un—Pasado—
es escuchar la Ley que ordena un—Porvenir—!

Tu canto, en esta tierra onde has sido sublime,
es más que un—recordar—de inutil enseñanza.
Es un grito de amor que entusiasma y redime,
pués con decir:—recuerda!, está diciendo:—alcanza!

No ceses de luchar! Que tu fé no se agote!
La sangre de la Raza es su mayor virtud!
Que vibre para siempre el alma de un Quijote
como llama encendida en cada juventud!

Todo orgullo es mortal, si no es insatisfecho!
El pasado, no basta á una ambición de Gloria!
—Un corazón pulsando en el tambor de un pecho,
sabe imponer al mundo un canto de Victoria!...»

TAÇO

ECOS

Carnaval

Perante a caricatura da vida que passa nos três dias de Carnaval, as nossas existencias dividem-se nitidamente em dois periodos: Aquele em que nos damos ao disfructo, e aquele em que disfructamos os outros.

Ha cerca de vinte anos que os jornaes bem feitos acentuam no Domingo gordo—que tudo é sensaboria—e na 4.ª feira de cinzas, que os passarinhos cantam, e que a vida é pó, terra, cinza, nada . . . O Carnaval é pois uma necessidade—como tema jornalistico.

questão prévia

O português, o lisboeta especialmente, não é alegre, embora faça toda a especie de esforços para o parecer.

E' que—diabos levem a vida!—nos pesa sobre os hombros debeis um fardo de fatalidades nacionais: Alcacer-Kibir, o choradinho, etc. e, como se isso não bastasse, temos de honrar ainda a tradição, sustentando ao chupado seio a Saudade, sentimento e palavra que, depois de definidos por Garrett, teem servido para quantas coupletistas espanholas por aqui logram o seu exito, escreverem nos albuns e pingarem com as lagrimas da despedida, de forma a deixarem-nos babádos de patriotismo e recordações.

Sem me arrogar basofias de fisiologista, eu creio poder filiar tambem na alimentação esta tristeza ingenita, que imprimimos em todas as manifestações da nossa actividade. Como no Porto as tripas, é a isca de figado o caracteristico e tradicional petisco de Lisboa. Ora o figado, segundo os entendidos, é viscera que influe no estado de espirito e como é natural que as rezes, que nos fornecem aquela viscera pressentindo a choupa que as vai imolar não estejam muito satisfeitas, pode afirmar-se que nós (e por nós as gerações que nos precederam) não nos temos farto de ingerir tristeza com elas, sob a forma da popularissima isca.

Talvez por todas estas razões somadas, com o contrapêso de mais algumas, a alegria, a vivacidade, o riso espontaneo são entre nós coisas reprovaveis. A nossa mocidade ou se entrega a graçolas brutais ou jaz num marasmo de gravidade, atacada pelo terrivel microbio, o «acaciorocus», de tão perniciosos efeitos.

Uma gargalhada que estala mais alto, uma pequenina partida de espirito provocam um «chutt»! severo dos moços atacados do microbio da gravidade e que só são moços porque o declamam aos quatro ventos, em verso e prosa, quasi empregando a palavra de honra para nos convencerem.

* * *

Esses moços, netos de Acacio e do Dr. Margaride, detestam o humorismo, como uma manifestação inferior aos meritos e talentos de que se julgam detentores. Sendo os herdeiros duma geração brilhante nas letras, preferiram renunciar á herança de Ramalho, Eça, Fialho, Teixeira de Queiroz, em que um fino humor e uma deliciosa ironia serviam explendidamente a observação e a critica e deixaram-se recontaminar pelos vicios de temperamento, que as penas brilhantes da geração que morreu se empenharam em extirpar, como cancros malignos.

Novamente perpassam, na versaria ultimamente publicada, as dolencias ultra-romanticas, embora sob formas menos dengosas mas nem por isso mais belas. Novamente moços, que nós topamos na «Brazileira» a tomar o seu cafésinho contente, nos veem contar em sonêtos a tristeza irreprimivel de ter nascido lusiada. Na prosa—excepção feita de dois ou tres nomes que, sem pertencerem ao passado, não são positivamente da nova geração—cultiva-se com delicia o bordado a matiz do insignificantismo, pondo-se em romance ou conto coisinhas romantisadas, sentimentalidadesinhas banais que já faziam bocejar as leitoras de 1875. Nada ha, nesta geração que se intitula moça e representativa das correntes literarias, que lembre, sequer, as grandes reconstituições da «Comedia Burgueza», do «Crime do Padre Amaro» ou os grandes vôos de sentimento e observação da «Ruiva» e da «Madona do Campo Santo». Mas em triste compensação abundam os tipos que a obra anterior recortou e estigmatisou, como os Galvões famosos, os Acacios, os Margarides, os cidadãos Flores, que teimaram em renascer.

Relendo o que fica escrito, uma pergunta me ocorre: conhecerá, ao menos de vista, a geração presente as obras e os tipos que nomeio?

Eu não quero, não está isso no meu temperamento nem nos meus habitos, entristecer ninguem, mas creio poder afirmar que a mocidade de hoje sofre de tenia.

N. R.—Na cronica anterior uma gralha importuna alterou o sentido do 2.º periodo. Os verbos a que se fazia referencia eram: «mascarar» e «mascar».

A SCENA HABITUAL

—Não sejas parvo e janta! Já sabes que nos reconciliamos uma hora depois!

BOA RAZÃO

—O patrão está visivel?
—Não sei! Como a patrôa estava á pancada a ele...

HUMORISMO

crónica alegre

Hontem, Hoje e Amanhã se Deus quizer

NÃO pretendo nesta cronica, historiar o passado, apreciar o presente ou ser profeta do futuro.

Simplesmente focar certos aspectos tendentes a demonstrar que a transformação nos habitos, na moral e nos costumes é cada vez mais rapida. Só assim podiam acompanhar a marcha vertiginosa e febril da vida moderna, e as bruscas e repentinas mutações deste complicado film da existencia.

Talvez por influencia da moda—o mais inconstante e caprichoso de todos os idolos femininos—a mulher em tudo o que lhe diz respeito, gostos e sentimentos, predilecções e desejos, é também d'uma inconstancia e d'uma volubilidade inegualaveis.

A mulher na sua maneira de ser, na sua sensibilidade, no seu proprio aspecto, mudou completamente d'hontem para hoje e mudará muito mais d'hoje para amanhã.

Hontem limitava-se ao papel de anjo do lar, sem grandes ambições, sem largos horisontes, barbaramente inculta, burguezmente pacáta, limitando as suas aptidões economicas e financeiras á manutenção da pureza orçamental do rol da mercearia e não levando as suas predilecções literarias muito alem do *Borda d'Agua* e dos dramas folhetinescos da imprensa diaria.

Hoje guia automoveis, esgrime, escreve, pensa, defende causas, cura doentes, usa monoculo, bengala, e corta o cabelo como qualquer de nós.

E amanhã não tenho duvida que a sua fragilidade não passará duma lenda; terá invadido todos os campos d'acção do sexo hoje denominado forte, cujas predilecções habitos e costumes terá usurpado por completo.

Verdade seja que o sexo a que pertenço vem apresentando lamentaveis tendencias para evolucionar no sentido oposto.

Assim tem perdido parte dos habitos que lhe eram proprios e que teem sido adotados pelo outro sexo.

Hontem qualquer de nós antes de fumar junto duma senhora inquiria primeiro receioso se o fumo a incomodava.

Hoje não precisamos de preguntar, porque sabemos que elas fumam tanto ou mais do que nós.

Amanhã serão elas que terão o cuidado de saber se o fumo dos seus havanos nos provocará a tósse ou a enxaqueca.

* * *

Mas são muitos os aspectos da transformação operada. Por ex: carta d'um *Ele* actual para uma *Ela* modernissima:

Minha querida

Hoje não saí. Estive muito constipado e a mamã disse que era melhor ficar em casa. Hontem fui só á tarde um bocadinho para a porta da Havaneza, mas parece que o cheiro

do tabaco me subiu á cabeça porque fiquei com uma terrivel enxaqueca. Entretive-me a tratar das unhas, fiz um pouco de piano e antes de jantar experimentei aquela maquina de bordar que a mamã comprou. Ainda consegui bordar um bocado, mas parece que me fez mal. Doe-me muito o braço direito e como piquei um dedo com a agulha, tenho estado apreensivo não sobrevenha alguma infecção. Tenho o dedo ligado; não me doe; mas á cautela já mandei chamar o medico. Hontem apanhámos um grande susto. Estava a jogar o burro americano com a Fifina e de repente ouviu-se na rua um estrondo enorme. Supuzemos que fosse uma bomba e não nos atrevemos a ir á janela. Só hoje de manhã é que vi-

mos no jornal que tinha sido o choque de 2 automoveis. Mas ninguem adivinha e nestes tempos que vão correndo, nunca fiando. Oxalá que isto do dedo não seja nada. Já pedi á mamã para pôr uma vela á Snr.ª da Saúde.

Espero as tuas noticias.

Teu Gigi

A resposta dela:

Gigi adorado

Como pedes para te escrever todos os dias, faço-te a vontade. Mas simplesmente por atender aos teus versos, porque na verdade pouco tenho que contar. Fiz hoje o que faço todos os dias; fui tambem ao barbeiro, ao calista e como sempre á saida da Repartição dei uma volta pela Baixa. De manhã fui ao picadeiro. Montei hoje um cavalo explendido. Linda estampa. Chegado ha pouco; bastante selvagem ainda, mas com explendido trote. Ao montá-lo deu-me tal volta que me feriu a mão com o freio. Um golpe profundo, mas sem importancia. O alfaiate já hoje mandou o meu calção novo. Não imaginas que bem me fica. E é muito mais agradavel montar assim á americana. Eu bem te dizia. Tenho pena que te não dediques a qualquer genero de sport. Dizes que a saude te não permite, mas parece-me que até te faria bem. Acho que não te deves preocupar com o dedo picado. Não sejas piégas. Isso não é nada. Já me esquecia de te dizer que encontrei na Monaco a tua prima Berta. Ia tambem comprar *Abdulas*. Agora habituei-me a esta marca e já não fumo outra coisa. Arruino-me com estas predilecções. Meu pai não me dá dinheiro para estas extravagancias. Diz que não sustenta vicios. Se eu não tivesse arranjado este logar de dactilografa, havia de ser bonito. Olha se eu me tenho fiado nos teus conselhos e seguido os teus exemplos! Mas isto já vai longo. Esta noite vou ao Condes com a Jossefa. Fala-se em prevenções e que estala não sei o quê. Cantigas. Se vamos a acreditar em boatos nunca mais saimos

Adeus meu amor. Sonha comigo—Beijos da tua

Maria

* * *

Ainda alguns efeitos da mudança operada e que bem demonstram a necessidade de uma completa remodelação na epistolografia amorosa.

Varios trechos de cartas de amor hoje perfeitamente inuteis «... porque a felicidade maior seria poder beijar a tua epiderme de alabastro, a tua setinosa cutis de leite e açucenas, onde a minha boca tremente pousaria a mêdo»...

Ora nenhuma destas frases poderia hoje aplicar-se sem previa reforma, a fim de se tornar adaptavel á época.

Só assim,—por exemplo: ... «porque a felicidade maior seria poder beijar o teu explendido cold cream de Houbigant, o teu excelente carmin Dorin, o teu setinoso pó d'arroz de Coty...

Apenas poderia aplicar-se a frase final antiga: «... onde a minha boca tremente pousaria a mêdo». Na verdade pousaria a medo e com receio de ficar com cara de Pierrot ou com boca de corista feita á pressa.

Ainda outros trechos inuteis:

...«anseio, meu amor, pelo dia em que possa afagar as tuas tranças e banhar o meu rosto no mar tumultuoso dos teus cabelos. Como desejaria beijar a fimbria do teu vestido que deixa adivinhar um pésinho delicado, um pesinho objecto precioso, que eu desejaria trazer junto do coração como um amuleto».

Tambem nenhuma destas frases tem já hoje aplicação.

O mar tumultuoso não passa dum lago tranquilo. É hoje apenas um mar á Garçone, mar sem ondas, a não ser as do Mar... cel.

E quanto á fimbria do vestido já não pode deixar adivinhar o pé, porque até ao joelho, já tudo se desvendou o ano passado. Este ano o joelho é já um facto assente e para nos deitarmos a adivinhar, teriamos de ir muito mais longe.

Junto de certas paragens de electricos—que já nos não electrisam como d'antes—ha momentos até, em que já quasi nada nos resta para imaginar.

E ha coisas que mais valeria imagina-las do que vê-las.

Mas é natural. Os cerebros modernos estão gastos e cançados e elas poupam-nos assim o trabalho mental de as imaginarmos.

Isto é hoje; porque amanhã, as ilusões serão plantas sentimentais desaparecidas; será a era da verdade, mas da verdade núa e crúa, da verdade sem o manto diafano que já hoje é apenas uma hipothese, porque d'aqui á tanga vai um *passo*, que é como quem diz um *palmo*.

AUGUSTO CUNHA

ATRIBUIÇÕES DOMESTICAS

—Onde é que você passou o verão?
—Não sei! Minha mulher é que comprou os bilhetes...

TODO O CUIDADO...

—Isso! Deitas a casca de banana para as calhas e se houver um descarrilamento, és tu depois que tens a culpa...

Curiosidades

QUANDO SE COMEÇOU A ESCREVER MUSICA?

A ideia de representar as notas por sinaes, parece que teve origem na India. Os indios, designavam as notas com caracteres sanscritos.

Os chinezes, 2700 anos antes de Christo, já representavam os sons por sinaes ideograficos e os gregos, em tempo de Pitagores (seculo VI, a. de. C.) marcavam as notas com letras do alfabeto.

Tambem é certo que entre os chinezes ha cinco mil anos existia a escrita musical.

O TELEGRAFO NA INGLATERRA

Nos dois ultimos anos, a Inglaterra gastou dezesete milhões de libras esterlinas com a ampliação e melhoramento da sua rede telegrafica.

A FUNDAÇÃO DAS UNIVERSIDADES DA PENINSULA

Universidade	de	Salamanca—	Ano de 1200.
»	»	Lisboa—	» » 1290.
»	»	Lerida—	» » 1300.
»	»	Valladolid—	» » 1346.
»	»	Zaragoza—	» » 1474.
»	»	Valencia—	» » 1497.

UMA SANTA FAMILIA

Numa granja de Philipponniere, em Betz-te-Chateau, vive uma familia composta de bisavó, avó, mãe e neta. O mais curioso, é que a bisavó conta apenas cincoenta e dois anos!

OS HOMENS DE AMANHÃ

Sir Arthur Keht, o celebre e conhecido antropologista, fez ha semanas a seguinte declaração nas colunas do *The Westmister Gazette*:

Em um futuro ainda longinquo, o homem não será um super-intelectual mas sim uma creatura de compleição robusta, com muito de animalidade e todo musculo».

O MAIOR FUMADOR DE CHARUTOS

Mr. Robliu, de Nova Jersey, bateu o extranho record de fumador: em 67 dias, gastou a bonita soma de 2345 charutos, á razão de 35 por dia!

FÉ A MAIS

—Dá-me graça a tua fé na medicina! Os primeiros homens não tiveram medicos—E por isso morreram todos!

Esparta

Como era a celebre cidade á data do seu apogeu

A cidade de Esparta, na peninsula Helenica, era de forma circular e tinha 48 bairros embora só tivesse 8.000 habitantes.

Estava sob a proteção da Deusa Guerra e as suas casas eram pequenas e todas terreas, á moda romana.

O Senado, em numero de 28 membros, reunia-se n'uma praça principal da cidade e ahi resolvia os grandes problemas da guerra e da politica.

Os grandes templos da cidade eram consagrados á Terra, a Jupiter, a Minerva, a Netuno, a Apolo, e ás Parcas. Junto d'este ultimo estava o sepulcro de Orestes.

Ao cimo de uma colina que dominava a cidade, ficavam dois templos sobrepostos ambos dedicados a Venus.

O «Dromos» era o celebre logar onde ficavam os grimonios, campos de corridas e de trabalhos atleticos. Ao centro ficava o gigantesco templo dedicado a Hercules a cujo, lugar iam os governos do templo dedicar a vida quando saiam da adolescencia para entrar na classe dos homens.

N'essa cerimonia, os rapazes iam com a barba crescida, os cabelos soltos e dividos em pequenos traços.

Entre os homens havia varios exercicios guerreiros:

Ao meio dia era a hora a que se dava o sinal para se começarem os trabalhos em honra de Hercules. Imediatamente, os rapazes, divididos em dois grupos lutavam com pés e mãos tentando aniquilar os adversarios.

Nestas pugnas morriam em geral dez a quinze por cento dos contendedores, havendo noticia de um em um ano, na festa de Hercules, de oitenta e oito, apenas ficarem ilezos cinco!

Só quem entrasse nos jogos atleticos podia gosar as honras de cidadão e ainda casar com filhas da cidade, e, para que todos soubessem a sua cobardia, eram obrigados a cortar a barba da face direita e terem-na crescida do lado esquerdo.

Amavelmente havia a festa consagrada a Diana Ortia, cujo templo estava na Limnva, bairro aristocrata de Esparta. N'uma festa, em honra da Deusa, cometia-se a seguinte cerimonia:

Com o maximo de sete anos, as creanças eram levadas junto do altar da Deusa e ahi, depois de cobertas com farinha de cebola eram açoitados bestialmente, ate que o sangue tingisse os pés da Deusa.

Os paes das vitimas tinham obrigação de assistir aos sacrificios, obrigar os filhos a sofrerem resignadamente os golpes que muitas vezes eram mortaes.

Quando os pés da Deusa estavam totalmente cobertos pelo sangue dos inocentes vitimas, estas eram levadas em triunfo pela cidade e eram-lhe dispensadas grandes honras.

BOX—As ultimas exibições

ALGUMAS NOTAS DO NOSSO CRITICO FRANTZ

Goodofredo que tem uma prestigiosa direita conseguiu impôr-se, exclusivamente, por ela. Devemos dizer-lhe, no entanto, que não é arma suficiente e em que se possa confiar cegamente. E' necessaria mas não suficiente.

O novel profissional deve cuidar em enriquecer o seu jogo, variando-o. A oportunidade de empregar uma direita concludente tem que procurar-se por processos diferentes, variaveis de adversario para adversario.

No segundo encontro vimos Rosa Brito, campeão dos meios-pesados a contas com um noviço, Paulo Rodrigues, do Porto. Apesar do enorme handicap de peso não se justifica o seu mau trabalho. Depois de dois ou tres rounds leves, em que R. Brito tocou, á vontade, Rodrigues, ainda que sem poder, as coisas mudaram e o campeão, usando e abusando de queixas sem fundamento, não pretendeu impôr-se. Se Rodrigues tem no canto quem soubesse dar-lhe o conselho preciso e comandar-lhe a tática que se limitava ao ataque forçado, R. Brito desmoralisar-se-hia mais rapidamente. Foi um combate desagradavel.

Albano é, incontestavelmente, o nosso mais habilidoso profissional, o mais geitoso, com mais intuição. O seu trabalho com Oliveira, se não fossem as queixas exageradas, teria sido perfeito. Fez um jogo abafante, inteligente e brilhante.

Pelo seu lado Oliveira, em condições desvantajosas de peso e comprimento deu um formidavel exemplo de coragem. Uma derrota como a sua, vale na vida d'um profissional como uma victoria. Energico até ao ultimo instante, demonstrou um temperamento que lhe dá direito a ter ambições.

GRÜTLI

E' um logar agreste e isolado que se encontra no cantão de Underwald, em frente de Bremeux, proxima de Altorf.

Protegido por rochas enormes, só mente pelo mar pode ser abordado Uma floresta espessa oculta-lhe as arterias a todos os olhos que inventam mil e um misterios a respeito desse logar misterioso. Foi n'este misterioso local que uma noite se juntaram, n'uma conjuração que tinha por fim vencer os alemães, Stauffacher, Furt e Melchthal, trez nomes ilustres que ornamentam o grande monumento da humanidade levantado á libertação dos povos.

ORIGEM DA FRASE «JAZZ-BAND»

Parece que a frase «Jazz-band» teve origem no seguinte: Um tal San Have, proprietario d'um café «Schiller», em Chicago, tinha em 1915, para distração dos seus clientes um negro que tocava seis instrumentos simultaneamente e que se chamava Jaslo Brown.

O publico que frequentava o café, entusiasmado com a destreza do negro, gritava-lhe:

—Anda Jaslo!

—Toca Jaslo!

E o negro a cada grito não só se apressava no toque dos instrumentos como ainda com esgares e gestos rapidos, divertia os ouvintes

Por fim, ao cabo de dias, a multidão gritava apenas, n'uma contração do nome do negro:

—Anda Jazz!

Toca Jazz!

E como não tardaram a aparecer os inevitaveis imitadores, dentro em pouco em todos os cafés de Chicago, estava um preto, tocando varios instrumentos, preto que já era conhecido pelo nome de Jazz.

A «INVENCIVEL ARMADA»

A celebre invencivel amada que, á ordem de Filipe de Hespanha se propunha atacar a Inglaterra, e que uma tormenta espantosa desfez, era composta de 350 navios e as suas principaes caracteristicas, eram:

Tonelagem total 59.120. Numero de canhões 3.165. A bordo iam 19.295, soldados, 8252 marinheiros e mais 2.088 homens da galé. E' curioso notar que hoje apenas dois super-couraçados de guerra teem tanto material e homens como toda a Invencivel Armada.

RESPOSTA A TEMPO

A mulher—*Você tem uma cara que parece um canibal!*
O homem—*Não se assuste que eu só como carne tenra!*

O DOMINGO ilustrado

á sucapa...

Vae acabar a companhia Rey-Colaço-Robles Monteiro

Depois de quatro epocas de brilhantissimos espectaculos dissolve-se serenamente o nucleo de artistas que trabalham sob a direcção daqueles artistas. Porquê? Diz-se que Amelia precisa descançar. Afirma-se que houve desinteligencias com o sr. Luiz Pereira. Ao certo, ninguem sabe o motivo. A verdade é que, pelo menos por alguns dilatados mezes, Amelia não aparecerá em publico. A sua despedida oficial será a noite da sua festa, com as peças em representação unica, *Salomé*, de Oscar Wilde, scenario de Raul Lino, tradução de José do Rio e *L'Albail giorno, La notte*, de Dario Nicodemi, trad. de Augusto Gil, scenarios de Leitão de Barros.

A festa e despedida de Robles é com um original, estreia de Samuel Maia, como auctor dramatico.

A frente unica dos escriptores e artistas perante, o Teatro Nacional

Um grande movimento de solidariedade mental se está esboçando com exito, entre artistas e escriptores, para que o teatro Nacional seja, dentro de pouco tempo, qualquer coisa digna e decente.

Digam o que disserem, é simptomatico esse movimento colectivo, pelo que revela de consciencia e de confiança nos nossos recursos, de fé e de amor pelas letras e pela arte portuguesa. Afonso Gayo, Correia de Oliveira, Accurcio Pereira, Alexandre de Azevedo, Antonio Pinheiro—outros mais—teem dado a sua bôa vontade e a sua competencia. Fazemos os maiores votos para nas estancias oficiais não esbarrem com as montanhas de inercia que por lá ha.

Manual do Perfeito Homem de Teatro

POR

"Tremidinho"

Quando ha dias li o «Mannal do Chauffeur», e o «Perfeito Manual de Cosinha« lembrei-me com magua quanto é escassa a bibliografia teatral no que respeita a manuaes para se saber alguma coisa.

De facto, aparte as ineditas brochuras de Carlos Leal, uma outra de Mercedes Blasco, o Jornal dos Teatros, e mais meia duzia de memorias, o teatro não tem merecido á arte da escrita qualquer atenção, um tanto larga de preceitos e um tanto estreita de ensino.

Pode dizer-se mesmo sem receio de grande erro, que a historia da nossa Arte Dramatica está ainda por escrever.

Alem d'isso, se bem que para todos os actos e oficios, haja compendios com musicas e conselhos, para a Arte de Representar não ha absolutamente nada.

Um actor vai para a scena, sem uma cartilha, sem um pequeno conhecimento teorico.

A dificil arte de gesticular, de dizer, de frisar, de contrascenar, não tem uma unica taboada, um unico esboço de aprendizagem. D'ahi, talvez, a abundancia de «*canastrões*», agora disfarçadas com os nomes de «*vedetas*»!

Ora o que acontece com os actores, sucede com todos os outros ramos da actividade teatral.

Nem para os emprezarios, «*claqueurs*», coristas, «*costumiers*», maquinistas, electricistas, ensaiadores, porteiros, scenografos, etc etc, existe qualquer compendio que os elucide nos primeiros passos da arte a que vão dar o melhor do seu hipotetico talento.

Foi pensando em todas essas lacunas que eu pensei em fazer um «Manual do Prefeito Homem de Teatro». volume de ensino e conselho que virá a ser o «Larousse» da arte dramatica, a «Biblia Sagrada» do Teatro Portuguez.

Não temi a largueza do trabalho nem os espinhos, constantes e enormes que toparia na confecção d'essa obra grandiosa.

Rapei de meia duzia de cadernos de papel almaço, comprei um frasco de tinta azul, fui para a Biblioteca Publica dias e dias e de todo o meu suor intelectual resultou este modesto trabalho que vou dar á estampa e que, estou absolutamente certo, não só hade trazer aos homens de teatro profundos e largos conhecimentos, como tambem deve concorrer para tornar a Arte Dramatica Portugueza uma efectivação suprema, um grau elevado de inteligencia, um extraordinario berro de Arte.

Com este meu «Manual», já qualquer pessoa poderá ser no teatro aquilo que melhor entenda, isto é, qualquer analfabeto, carroceiro, ou idiota—«sem-geito-para-nada» poderá ser actor, empresario, camaroteiro, maquinista, corista, scenografo, etc etc, porque o meu Manual, tudo ensina.

Conhecendo a minha epoca e os muitos e variados frutos que a compõem, o meu «Manual do Perfeito Homem de Teatro», é um compendio, sumamente proprio para os tempos presentes.

Nele não ensino a fazer teatro, ensino sim a «videirar», a fazer «indrominas», a «caloteirar», que é como quem diz, leciono a maneira pratica e unica de ter gloria e dinheiro em teatro portuguez dos dias d'hoje.

Sou um homem de juizo, que sei ver as coisas, por isso não se me meteu em cabeça fazer um livro de doutrinas, muito catita para ler na cama, mas idiotas, sob todos os pontos de vista de realisação.

Assim, começarei no proximo numero, publicando o primeiro capitulo do «Manual do Perfeito Homem de Teatro» e que se intitula :

A ARTE DE SER EMPREZARIO

TREMIDINHO

á sucapa...

«O Estrondo»

Recebemos o alegre semanario deste titulo, que vem curioso como de costume. Um reparo: o producto da festa Augusto Rosa, destina-se, no nosso jornal, «em absoluto», á nossa beneficencia, como acentuámos desde o primeiro momento.

Gente para o Brasil

Parece que d'esta feita, não fica em Portugal restea de actriz com geiteira para o teatro musicado!

De uma assentada, já sabemos que partem para as terras de Santa Cruz: Laura Costa, Deolinda Sayal, Maria de Lourdes Cabral, Lina Demoel, etc, etc... Isto é, o ceu do teatro de revista vai ficar sem «estrelas»... e d'ahi, talvez tenha razão aquele homem que vende os jornaes á porta da «Chic» e que afirma que agora é que talvez se veja alguma coisa...

As vacas magras

Pois já por ahi se diz que algumas empresas estão em vesperas de dar a alma ao creador, porque o publico não vae aos teatros, as despesas são grandes e a «crise», o «papão» de todas as peças que não agradam e todas as empresas mal constituidas, não deixa respirar.

Acabou-se o tempo em que o publico ia ao teatro... só para ir ao Teatro!

Hoje o publico foge dos elencos que não valem um caracol, afasta-se de onde lhe impingem pêças traduzidas do japonez por dois rapazes arabes que entendem alguma coisa de russo! «Crise»? Qual quê! Desorientação, incompetencia, teias de aranha, isso sim!

«Crise»? Preguntem no Avenida e no Maria Victoria e até mesmo no Politeama se ela existe para esses teatros...

S. Carlos — Fechado.

S. Luiz — As peças de grande sucesso «Pobre Valbuena» e «A Alsaciana».

Gymnasio — «Vida e Doçura», com Palmira Bastos e Gil Ferreira.

Avenida — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos Henrique Roldão.

Politeama — Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, «Não te melindres Beatriz».

Eden — «Fungágá» grandiosa revista, com Laura Costa.

Trindade — A grande companhia de Velasco: «Arco-Iris».

Apolo — «Maridos encravados», peça comica com Alves da Cunha.

O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

PAGINAS VIVÍDAS

O ROMANCE DE OLGA IVANOWNA

Autentica e comovente historia que tem o grande valor de ser um belo quadro da Europa depois da guerra

NOS começos de 1919 regressava a Paris duma curta estadía de mez e meio em varias cidades da Alemanha. A ultima fôra Frankfurt-ober-Mein a cidade dos milionários. O «sleeping» vinha quasi vazio, mas com os seus beliches reservados. Em Wiesbaden encheu-se. Wiesbaden não era, nesses tempos indecisos do após-armisticio a estação de aguas elegante, onde antes da guerra se não podia dar um passo sem acotevelar uma celebridade. Era, porem, um dos centros da ocupação francesa e a multidão qne invadiu o vagão dormitorio, era composta de militares franceses de categoria e respectivas mulheres, que iam dar um salto a Paris.

Quando toda a gente estava mais ou menos instalada, o creado surgiu ao fundo do corredor acompanhado por uma senhora e poz-se com ela examinando se haveria ainda um logar vago. Surgiram dificuldades e um dos seus companheiros, que falava alemão, compreendeu que aquela pretendente vinha em primeira classe simples desde Frankfurt na esperança de conseguir qualquer cama que em Wiesbaden sobejasse. Não sobejava nenhuma e o desgosto da viajante era tão evidente que, por meio do meu camarada, propuz uma solução: ceder a minha «cabine». Quando lhe constou o meu oferecimento, a senhora olhou para mim, sorriu-se e, estendeu-me a mão sem cerimonia, disse-me na lingua de Goethe cousas amaveis de que não entendi uma só. Prevenida de que eu não falava alemão, dirigiu-se-me, então, em francez, num francez de sotáque singular mas quasi corréto, e perguntou-me onde tencionava dormir desde que lhe cedesse a minha cama. Respondi-lhe que uma noite passada no corredor me não metia mêdo desde que se tratava de ser agradavel a tão gentil companheira de viagem. Ela, então, declarou que os assentos não se demanchariam para armar cama e que aceitava nessas condições a hospitalidade do meu beliche, onde dormiriamos sentados.

Passados cinco minutos eramos ami-

... era uma russa fugida a fogueira vermelha...

gos velhos. A mulher que eu tinha debaixo dos olhos, fumando um cigarro e palrando com um ar simples e quasi infantil, teria vinte e cinco anos. Era pequena de estatura e envolvia-se toda num amplo casaco de peles. Na cabeça trazia um barrete tambem de peles, que lhe encobria o cabelo e as orelhas. Debaixo do casaco um vestido pobre de lã grossa, luvas de malha nas mãos e nos pés umas botas de homem de salto raso, ainda assim elegantes em relação ao calçado feminino que me foi possivel observar na Alemanha recentemente vencida, ainda cheia de todos os «erzats» e sugeita a mil e uma restrições. Toda a sua bagagem parecia consistir numa maléta de mão com as dimensões dum «necessario» de «toilette». Tambem transportava um regalo do qual foi tirando o lenço, a caixa de fosforos, e, a certa altura, uma maçã que se poz comendo com lindos dentes e soberbo apetite.

Eu tinha-lhe explicado que era adido militar adjunto de Portugal em Paris e ela, a certa altura, sem que eu nada lhe preguntasse, poz-se a contar-me a sua vida.

* * *

Chamava-se Olga Ivanowna. Era russa e filha dum dignatario da corte do Tsar. Antes da guerra casara com um oficial de quem tinha duas filhas. Sacava do regalo uma carteirinha e mostrava-me o retrato do marido, latagão de rosto inexpressivo, e o das pequenitas, duas cabecinhas encaracoladas e dois rostos sorridentes. A primeira revolução fuzilara-lhe o pae apoz alguns dias de carcere. A mãe fugira para Moscovo levando consigo as netas e o marido de Olga Ivanowna, oficial de cavalaria, devera a vida á precipitação com que aderira ao novo regimen e se encorporára no exercito de Kerensky. Ninguem ignora que este, pouco tardou a ser combatido e perseguido por elementos mais avançados duma segunda revolução. Olga Ivanowna e o marido conheceram, de novo, grandes dificuldades a que escaparam aderindo sucessivamente aos vencedores de momento. Havia já meses que ignoravam o destino das creanças e da avó que as levara para as livrar da fornalha. Um dia, os dois esposos deliberaram evadir-se da Russia sangrenta, onde cada dia, sob risco de fusilamento, era necessario fazer cortejo a um novo triunfador. E ele com o seu uniforme de oficial do exercito vermelho, ela vestida de soldado—para isso tivera de cortar o cabelo á escovinha, o que me demonstrava tirando sem rebuço o seu gorro de pele e pondo ao leu uma cabeça de garoto engraçadissima — tinham conseguido, depois duma interminavel caminhada de muitas leguas a cavalo, passar a fronteira polaca. Presos pouco depois, jazeram semanas numa fortaleza dessa Brest-Litow, que ficará celebre pelo tratado ali assinado com a Alemanha e fazendo a paz separada. Sempre chegou o dia em que os soltaram e os puzeram na fronteira alemã como indesejaveis. Em terra germanica novamente foram presos. A Alemanha exportára os «soviets» para a Russia; mas não tinha o minimo empenho em ve-los regressar ao seu territorio. Ao cabo de mil e um trabalhos, de mil e uma privações, chegaram livres a Berlim. Aí abundavam os russos fugidos; mas, em geral, todos viviam numa miseria terrivel, lançando mão de todos os recursos para angariar um pão, que já não era o K K da guerra, mas que continuava a ser pessimo e caro.

—«Meu marido, explicava-me Olga Ivanowna no seu francez tão pitoresco, é um anjo. Adora-me; mas é uma creança e tenho que ser mãe dele. Não sabe fazer nada. Não sabe ser senão oficial de cavalaria.

Tinham-se reun'do a varios compatriotas e viviam em comum, trinta e tantos num só alojamento, ajudando-se uns aos outros, ocupando-se dos trabalhos mais variados.

Olga Ivanowna lembrara-se um dia que, pouco antes de ser presa, seu pae confiara a um amigo uma soma importante de dinheiro. Esse amigo desaparecera logo a seguir e, segundo constava, conseguira chegar a Paris. Então a minha companheira de viagem tivera a ideia de empreender a viagem á capital francesa a ver se descobria o velho amigo de seu pae e, possivelmente, o dinheiro que lhe fôra confiado. Por emprestimo obtivera o bastante para o transporte e a estadía de alguns dias nessa terra de esperança para onde nos levava o «sleeping» a cento e tantos quilometros á hora.

* * *

Quando a filha de Ivan chegou ao termo do seu relato, não poude deixar de sorrir-me.

—«Conhece Paris?

—«Não.

—«Como tenciona dirigir as suas pesquisas?

—«Não sei bem, Procurarei um russo e indagarei.

—«E' muito vago...

—«Pois é.

E o beicinho de Olga estendeu-se como o de uma creança que tem ganas de chorar. Eu olhava-a e, ao lembrar-me que era «mãe» daquele latagão de bigodes, cujo retrato ela ainda tinha no colo, scismei na prodigiosa ingenuidade dessa alma russa, que vemos desenhada nos romances dos grandes mestres. Puz-me a scismar em como poderia ser util aquela grande creança, cuja historia se me afigurava verdadeira de tal modo sincero me fôra contada, e lembrei-me que, na Associação da Imprensa Estrangeira, de que fazia parte como critico teatral da edição parisiense do «Diario de Noticias», eu tomara ligeiro conhecimento com Bourtsaiegf, um russo dos bons tempos redigindo em Paris uma gazeta de combate á União dos Soviets. Talvez ele podesse dar á minha companheira de viagem alguma indicação util. Falei nisso a Olga Ivanowna e ela bateu palmas de contente.

A noite fôra passando. Rompia uma madrugada triste e dentro d'algumas horas, de manhã cêdo, estariamos na estação de Leste. Propuz a Olga que dormisse um pouco. Não quiz. Não tinha sôno e pediu-me que lhe contasse para a entreter, coisas da minha terra, impressões da minha estada nas trincheiras, etc. Assim o tempo se passou; foi acordando toda a povoação do «sleeping», fizeram-se os preparativos da chegada e, quasi á hora da tabela apenas com o «atraso normal» já anunciado antecipadamente, fizemos a nossa entrada em Paris.

Qualquer hotel servia a Olga, que não conhecia nenhum. Mandei seguir o «taxi» para a margem esquerda. Em certa altura do Boul'Michantes de chegar ao aristocratico boulevard St Germain, e numa rua transversal, a Rua

— Um sargento acompanhou-a...

Serpente, as letras douradas duma taboleta de pensão seduziam-me. Devia ser calmo e barato. Era-o efectivamente.

CONTINUADO DA PAGINA 9

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

A BOMBA DO FRANCFORT-HOTEL

A verdadeira historia da prisão do auctor do celebre atentado

EU fui dos que ouviram o enorme estampido causado pela explosão de uma bomba de dinamite no Francfort-Hotel. Estava por acaso á porta de um café da Baixa conversando com uns amigos e não pude deixar de estremecer ao berro medonho do explosivo.

Vi alguma gente correr para o predio, reparei que alguns policias tomavam activamente conta do acontecido, notei a expressão de pavor de todos os que, como eu, viam dia a dia sucederem-se os atentados, sempre perseguidos pela policia, e sempre por esta dados como não provados.

Raro era o dia em que os jornaes não noticiavam o assassinato de alguem, obra da já celebre «Legião Vermelha» e rarissima era a noite que Lisboa não estremecia ao estampido aterrador de uma explosão.

Os assassinatos sucediam-se com criminosa frequencia, a policia sabedora do paradeiro dos implicados, ou não os prendia ou deixava-os fugir, negligentemente, sem tomar na devida conta a vida da cidade e as vitimas que essa falange desorientada ia causando dia a dia. Até que certa vez, foi o proprio comandante da policia a vitima das iras da «Legião» e só por isso, a policia fez prender, e afastou da cidade esses tresloucados, isto é, só quando lhe tocou pela porta, é que as autoridades deliberaram pensar a serio no caso!

* * *

Certa manhã, li n'um jornal que o operario X, que eu sabia recem-chegado do Brasil, onde tinha sido julgado como «indesejavel», ia para Vila Real.

Um amigo segredou-me que a policia desconfiava que este X. era o auctor do atentado do Francfort-Hotel e, como o caso despertasse de momento a minha atenção, deliberei entreter-me com o assunto.

Como era natural, ao entrar na «gare» do «Rocio» reparei que alguns agentes secretos vigiavam quem tomava o comboio, mas, como eu «conheci» os agentes, era mais que possivel que o X.

...eu sabia que a audacia é a grande arma dos criminosos!

egualmente os visse. Sabendo que a audacia é nos implicados em crimes, a sua principal arma de defeza, coloquei-me a distancia dos «secretas» e fui observando os que entravam.

A certa altura notei um rapaz forte, alto, que, depois de trocar um sinal quasi impercetivel com outro que estava no meio da «gare», aparentando

... o homem pedalava furiosamente ...

esperar alguem, foi passar hombro a hombro com os dois agentes que vigiavam a «gare», e, com tal arrogancia os fitou, de tal maneira desassombrada passou rente d'eles, que os «secretas» de nada desconfiaram, mas que me deu a «certeza absoluta» que era aquele o X. que eu procurava.

Fixei a carruagem em que se meteu, e trepei para uma outra.

* * *

Na Pampilhosa, vi o X. tomando qualquer coisa no «bufete». Quando chegámos ao Porto, ainda na Estação de S. Bento, dirigi-me a ele, e, confiadamente preguntei:

—O senhor pode fazer-me um favor?

O X. olhou-me rapido, fez pé atraz, teve um pequeno estremecimento que fingi não notar e respondeu, nervoso:

—Que deseja?

—E' a primeira vez que venho ao Porto e como não sei nada, queria pedir-lhe o favor de me indicar um Hotel que não fosse muito caro para passar a noite, porque ámanhã parto para a Regua!

O homem teve um leve sorriso de satisfação, «vi» que perdia toda a ideia de uma possivel esperteza e, confiadamente, respondeu-me:

—Eu tambem já não venho ao Porto ha muito tempo! No entanto, parece-me que no «Olimpia» encontra o que deseja!

—Muito obrigado! V. Ex.ª tambem lá vai?

—Não! Eu saio do Porto ainda esta noite!

—Então, muito obrigado!

—No «Olimpia», na Rua de Entreparedes!

—Perfeitamente! Muito agradecido.

* * *

Os meus calculos não me enganavam!

Afastei-me na direcção da Rua de Santo Antonio e reparei que o X. chamando o automovel 608, se metia n'ele. Fui para o hotel e, na manhã seguinte, depois de esperar na Praça de D. Pedro duas horas, primeiro que passasse o automovel 608, encontrei-o. Pelo «chauffeur» soube facilmente, alegando esquecimento de uma maleta, onde tinha ido levar o passageiro da noite anterior.

* * *

Era meio dia, quando tomei o electrico para Leça.

N'uma mercearia soube facilmente em que rua tinha parado um automovel ás duas da madrugada. Era uma oficina de carpinteiro.

Dirigi-me para lá e notei que á porta em questão, estava uma biciclete azul.

Mal entrei na loja, um rapaz saltou para a maquina e ficou disfarçadamente a ouvir o que eu dizia ao proprietario:

—Sabe dizer-me se por aqui haverá uma casa para alugar?

O homem, naturalmente respondeu-me:

—Por aqui não me consta! Na Rua Paulo Falcão é que ha uma!

—Grande?

—De dois andares!

—Muito obrigado!—e afastei-me reparando que o rapaz desmontava a bicicleta e entrava de novo na loja o que me fez supor, que o X não estava ali, e tinha aquele homem da bicicleta para o avisar em caso de perigo.

* * *

Na estrada que vai para Perafita reparei que a lama tinha marcados os vultos de rodas de bicicleta. Segui-os.

* * *

Quando entrava entre as primeiras casas do logarejo, vi o rapaz pedalando a toda a força na minha direcção.

Escondi-me atraz duma arvore e o homem passou n'uma grande velocidade.

—Mau! Deve haver por força novidade!—monologuei. O X. deve estar proximo e em Leça alguem o deve ter procurado!

Ao dobrar uma esquina vi o rapaz atirando com a bicicleta para uma parede e batendo furiosamente a uma porta.

Entrei n'uma taberna proxima e pedi uma cerveja, não perdendo de vista a casa em que o homem tinha entrado. De repente vejo abrir-se uma janela e o X. aparecer em mangas de camisa com sinaes de grande nervosismo.

Tenho a certeza de que alguma coisa grave se passa porque nos gestos que faz desabridamente, nota-se uma irritação enorme. Subito oiço o traquinar violento de um automovel que passa por mim e vae parar em frente da casa que eu vigiava.

Dois homens saltam rapidamente e entram de revolver na mão.

* * *

Regresso a Lisboa no comboio da noite. Em Campanhã entram para o compartimento onde vou, dois homens com um terceiro, embuçado.

Continuo a ler um romance que encetei sem lhes prestar atenção.

Já noite velha, a proposito do frio, um dos homens dirige-me a palavra. Pede-me lume para acender o cigarro, e depois, confidencialmente, olhando os outros dois que dormem a um canto, segreda-me:

—O senhor sabe quem é este homem que vai aqui preso?

—Sei! E' o auctor do atentado do

De um salto apearam-se do automovel.

Francfort-Hotel que hontem conseguiu embarcar na estação do Rocio sem que os senhores vissem e hoje foram prender a casa do pae em Perafita!

E a cara do homem ao ouvir tão fiel descrição brilhou de pasmo!

VARIA

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

(DA T. E.)

QUADRO DE HONRA

12 DECIFRAÇÕES (Todas)

EDIPO, JOFRALO, HOFE, RAZALAS, ETIEL, BISTRONÇO, LHALHA, ROBUR (todos da T. E.), A. D. MEIRA.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 56

QUADRO DE DISTINÇÃO

9 DECIFRAÇÕES

P. J. M. e D. GALENO

DECIFRADORES DO N.º 56

CHARADAS EM VERSO

1

«Muito *padece* quem ama...» —2
E' bem velho tal ditado.
Boca que este dito exclama
Traz seu dono enamorado.

O amor dá a tristeza;
Dá *dor nos rins* e no peito.—2
Eu tenho disso a certeza
Portanto o tomo com geito.

Pois eu por certa paixão
Muito sofri já na vida.
Tenho morto o coração
E uma *clavic'la* partida.

Lisboa — LHALHA (da T. E.)

2

Um *pastor siciliano*,—2
Garboso e belo rapaz,
Destemido caçador,
Que nas lutas do amôr
Mostrava quanto era capaz.

Cachopas frescas, louçãs.
Ao ve-lo *até* se faziam—1
Tão rosadas quais romãs,
E ao pe dele estremeciam.

Todas elas, á porfia,
Disputavam um abraço,
E, cada uma que o queria
Lhe ia preparando o *laço*—1

Vendo-se assim perseguido,
E sem poder seu intento
Conseguir, que era casar
Com as que pensava amar,
Recolheu a um *convento*.

Lisboa — D. GALENO

[Estoqueando o valente Rei-Vax *e com vista á sua «Cuitado.»]*

3

Diz que gastou já um mez
Em busca dum termo azado;
Mas é *tosco* o encontrado.—2
E' de parvo ou de maltez.

Peça lá mais uma vês
Recursos ao predicado
Que o torna um afamado
Charadista portuguez.

Pois quero ouvir esse som
Que *aparecia alegre* e bom—2
Com geitinho á jesuita,

Decifrar esta charada
Que bem sei não vale nada...
Da forma que está «*escrita*»

Lisboa — DROPE

4

Dás-me um *beijo?* Perguntei:—1
Pois sim, me respondeu ela.—1
Foi assim, que eu comecei
A *pesquiza* da donzela.

Porto — ERRECE

[Retribuindo a «Data» dos simpaticos confrades Pato Bigas, Limitada*]*

5

Amigos. Ao fazer desta
Estou dorido pela festa
Que fizeram com meus «Patos.»

Pobres aves, coitadinhas!
Suas penas são as minhas
Por fazerem tantos pratos.

Essa *pequena porção*—2
Trincada sem coração
Bem se *percebe*, é piteu.—1

Deu-lhes canja e fricassé,
Deu-lhes cabidela *até*—1
De se tirar o chapeu.

Escrevo, pois, contrafeito
Respondendo ao vosso teito
Mas com magua grande, imensa!

Comerem «Patos» assim
Sem se lembrarem de mim
Só por maldade ou *ofensa*.

Lisboa — LHALHA (Da T. E.)

CHARADAS EM FRASE

[Ao D. Vasco]

6 Armado em *pimpão* entrou o *diabo* no *mercado de peixe*.—2—1

(*Para o* Lhâlhá)

7 Dum *acesso de loucura resulta* uma *acção propria de quem não tem juizo.*—3—1

Lisboa — PIM T. ADINHO

(*Ao* Bistronço)

8 A *princeza muçulmana* estava na *merenda* quando viu a *pantera*. 2—1

Lisboa — CALOURO

(*Para* D. Vasco)

9 Com *malicia*, na «*embarcação*», fiz um *sinal para se abrir inteiramente a boca* ao entregar a *oferta*.—2—2—1.

Lisboa — ETIEL (Da T. E.)

10 Que *costume* que V. tem de usar de *linguagem ininteligivel* ao referir-se á *terra esteril*.—2—2

Lisboa — PIM T. ADINHO

(Agradecendo e retribuindo a Avieira*)*

11 O confrade não acha ser um *pouco arriscado* maltratar uma criatura *infeliz?*—1—4

Coimbra — HICCO-ZONHI®

12 A *ave pernalta* é uma *especie* sem *origem*.—2—2

Lisbôa — LORD DA NOZES (da T. E.)

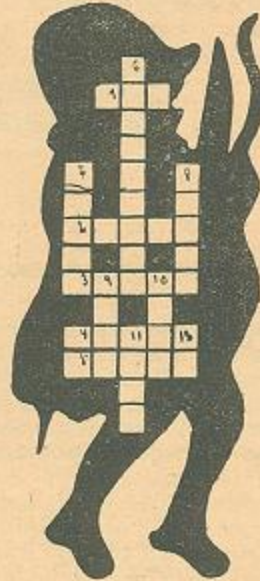
ENIGMA FIGURADO

PALAVRAS CRUZADAS — o passatempo da moda

Secção dirigida por LUIZ TROVÃO

QUADRO DE DECIFRADORES

É DE PINHO, HOFESINHO, JOFRALINHO, LIMA CHARADAS, ANIBAL DE SOUSA FERREIRA, MANOEL JOAQUIM DUARTE (AULEDO), LICE, VARANDAS.

Campeões do n.º 56

HORIZONTAIS.—1—Nome de mulher 2—Trono 3—Ave 4—Lança 5—Tratamento que se dá ás freiras.

VERTICAIS.—4—Multidão 5—Nome de mulher 7—Nome de mulher 8—Dança veloz 9—Alfaque 10—Invulgar 11—Apre! 12—Elemento.

CORRESPONDENCIA

LICE—Coimbra. — Queira enviar-nos novo desenho feito em papel branco e a tinta da china. Tal como está não serve.

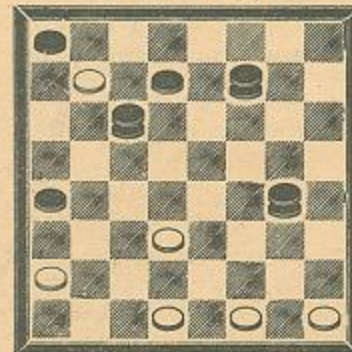
AULEDO:—Em nome do auctor, muito obrigado.

LUIZ TROVÃO

Solução do problema n.º 56

	Brancas	Pretas
1	14-18	21-?
2	18-23	6-19-26
3	5-9	30-21
4	9-14	?-17
5	13-22-31	28-24
6	31-20	21-17
7	20-7	17-13
8	7-14	32-28
9	14-27	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 57

Pretas 3 D. e 3 p.

Brancas 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o problema n.º 55 os Srs. Artur Mascarenhas Martins, Artur Santós, Augusto Teixeira Marques, Carlos Gomes [Bemfica], Emilia de Sousa Ferreira, José Brandão, Mexedo & C.ª, Sueiro da Silveira, Vicente Mendonça e Um Chiqninho (Bragança).

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

D. GALENO. — Afim de evitar casos dessa natureza que bastante me contrariam, peço o favor para de futuro me enviar sempre a lista das decifrações em separado, o que agradeço.

BISTRONÇO E ROBUR.—Essas listas de decifrações é necessario que venham mais cedo, senão...

TEPF. — Agradeço os seus trabalhos. Pode continuar mas com *grão um pouco mais duro.*

AULEDO.—Póde continuar. O que lá vai, lá vai...

O DOMINGO ilustrado

VARIA

O romance de Olga Ivanowna

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6

Ajustei um quarto para a viajante e, ali mesmo, pelo telefone inquiri da «Maison de la Presse», na Rua Francisco I, a morada do jornalista russo. Por coincidencia, era ali a dois passos, cerca do Odéon. Olga Ivanowna não queria almoçar, queria ir imediatamente á cata do seu compatriota. Como não podesse acompanhá-la, dei-lhe uma carta de apresentação e pedi-lhe que, mal tivesse noticias, me telefonasse.

Deixei-a anciosa e tremula e fui tomar banho, almoçar e dormir um pouco.

* * *

O resto desta historia, absolutamente verdadeira em todos os seus detalhes, é dedicada aos que não creem na força misteriosa que resolve metade dos conflitos e das dificuldades humanas.

A's trez horas e meia da tarde batia á porta da repartição militar da Legação na Avenida Kléber, a minha recem-amiga. Introduzida no gabinete em que eu trabalhava, olhou para mim em silencio, depois poz-se a rir numa alegria doida e infantil e, do celebre regalo, sacou primeiro o lenço, depois um frasco de essencia e por fim um maço de notas que espalhou sobre a minha mesa. Olga Ivanowna tinha ali quarenta e tantos mil francos. De pasmo, eu não conseguia articular uma palavra. Ela, então, contou-me mais esse capitulo do seu romance. Fôra á busca de Boustsaieegf. Não o encontrara e esperara duas horas por ele. Segundo ela me explicou, o jornalista emigrado tinha as paredes do seu modesto quarto todas forradas de rublos de Kerensky. Era o papel de forrar casas mais barato nessa ocasião. Quando ele chegou e Olga lhe explicou o seu caso, Bourtsaiegf levantara radiante as mãos ao ceu. Conhecia perfeitamente o amigo do pae da nossa heroina e todos os dias lhe falava.

Pouco depois, numa casa nova do boulevard Victor Hugo, a dois passos do «atelier» de Sousa Lopes, Olga caía, toda em lagrimas, no peito dum velho que já não sabia chorar. Contou a sua historia, as suas miserias, disse ao que vinha e teve a alegria formidavel de saber que estava intacto o deposito confiado á guarda daquele homem que tantas deligencias fizera baldadamente para indagar do paradeiro dos herdeiros do seu velho camarada. O dinheiro era facilmente realisavel. Estava á ordem num banco e só foi preciso esperar a reabertura dos escritorios fechados ao meio dia. E Olga Ivanowna mostrava-me agora as suas notas e tanto ria que as lagrimas lhe bailavam nos olhos.

As mulheres nunca deixam de ser mulheres. Olga viera ali contar-me aquilo tudo, agradecer-me a minha intervenção—era a mim, dizia ela, que devia aquela felicidade—mas vinha tambem preguntar-me como se havia de vestir e calçar decentemente. O problema era facil. Havia na repartição uma dactilografa, mademoiselle «Moineau», verdadeiro pardal de Paris. Chamei-a, dei-lhe sueto para o resto da tarde e encarreguei-a de ir encadernar Olga a umas galerias Lafayette. Perguntei á minha amiga quando queria partir.

— «Hoje!...

Era impossivel. Havia que visar papeis na Prefeitura, trabalho que incumbi a um dos meus sargentos amanuenses, e não havia comboio comodo senão na manhã seguinte. Ficou tudo ajustado para a partida no outro dia. Nessa tarde encontrar-nos-iamos, jantariamos juntos e iriamos ao teatro.

* * *

Quando, ao cair da noite, nos juntámos, Olga estava irreconhecivel. *Moineau* enbonecara-se admiravelmente. Levara-a a uma manicura que lhe acertara as mãos e a um cabeleireiro que lhe arranjara a cabeça. Não havia ainda o furôr dos cabelos cortados; mas aqueles ficavam muito bem á sua possuidora. Olga trazia meias de seda, sapatos de fantasia, luvas de Suéde claro. O regalo desaparecera para dar logar a uma mala graciosa. Estava, enfim, uma parisiense. O movimento da cidade divertia-a loucamente e não parava um momento de conversar. Jantámos na melhor disposição e fomos em seguida ao Teatro Antoine ver *Aux Jardins de Murcie*, postos em scena por Gémier. Ha não sei quantos anos Olga Ivanowna não se sentava na plateia dum teatro. Estava encantada e dois compatriotas meus, que o acaso sentara na fila adeante da nossa e nos miravam de soslaio, certamente supuzeram que eu ali estava em muito galante aventura.

Terminado o espectaculo, no automovel de praça—que nos levava á pensão, Olga Ivanowna foi e nudecendo pouco a pouco. De subito, senti a sua cabeça sobre o meu ômbro e, quando, surpreso, a desviei um pouco para lhe ver os olhos, compreendi aquela inesperada ternura. Adormecêra. Só a acordei na Rua Serpente e prometi vir, na manhã seguinte, buscá-la para a levar á estação.

Ao chegar, porem, a minha casa um telegrama transtornou este plano. No outro dia tive de encarregar o sargento de ir apresentar a Olga as minhas despedidas e acompanhá-la ao comboio. No regresso, disse-me que a senhora tivera pena ao ponto de chorar e prometera escrever-me, mal chegasse a Berlim. Nunca me escreveu e nunca mais soube déla.

ANDRÉ BRUN

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

J. B. L. SINES. — Caracter reconcentrado e ocultando o que pensa, procura saber o que pensam os outros; de paixões violentas, mas sabendo-se dominar; inteligencia lenta e não muito cultivada. Nervos fortes, caracter ciumento, boa memoria, pouca vaidade, ordem.

UMA QUE AMA UM MORENO DE SINES. — Espirito vivo e um tanto fantasista; franqueza, generosidade bem entendida, bom gosto, muito orgulho e pouca vaidade, ideias proprias, amor á discussão, caracter apaixonado e facilmente irritavel, mas passa-lhe depressa.

UMA QUE VIVE NA INCERTEZA. Inteligencia clara e rapida mas preguiçosa; desordem de objectos, e ordem nas ideias, independencia de caracter, mais optimismo que pessimismo, vaidade nenhuma, amor aos livros, pouca curiosidade, caracter pronto a encobrir todos os pecados alheios.

DEANDVAS. — Temperamento impulsivo e dedicado, pratico, ordenado, escravo do dever e amigo do trabalho. Mais esperto do que inteligente, afavel no trato; mas não muito comunicativo, amor á estetica em tudo, boa memoria, generosidade muito bem entendida.

CINZAS. — Caracter impetuoso, muito inteligente mas um tanto destrambelhado, generoso, impulsivo, de verbo facil e gostando de discutir, memoria explendida para umas coisas e horrivelmente má para outras, optimista, nervos fortes... sensualidade muito cerebral.

JOAQUIM. — Inteligencia pouco cultivada mas muito assimilavel, espirito romantico, habilidade manual, espirito dedicado, sentido da estetica e da simetria, boa memoria, amor á dança, um tanto vaidoso de mais.

NÃO. — Intuição, vontade de saber tudo, caracter afavel (na aparencia), mundanismo, bom gosto, vaidade feminina, habilidade manual, amor aos livros, desconfiança, curiosidade, inteligencia assimilavel, espirito religioso sem exagero, generosidade, ordem, aceio, pouco amor á mentira.

PRATA IMPERIAL.—Caracter ingenuo que julga ter complicações, excessivamente nervoso, sofre intermitencias de caracter que não são mais qne desequilibrios devidos aos nervos. boa inteligencia, mas não muito cultivada, sentimento de poesia.

PEIXINHO: — Força de vontade impaciente, boa memoria, curiosidade, impulsivo e dedicado, nervos fortes que domina a custo, pouca vaidade mas muito orgulho, amor á estetica.

UM BAIRRADINO. — Caracter reflexivo e pratico, boa memoria, ideas independentes, espirito critico acertado, um tanto desconfiado... por experiencia, cuidados de detalhes e amor á estetica. Um tanto ironico e mordaz, trabalhador, sabe administrar-se.

I. G. H. A.—Boa força de vontade, nervos facilmente irritaveis, ciumento, um tanto egoista, boa memoria, vaidade intima, ordem, aparencia de generosidade mas quando dá... sofre, amor ao trabalho por ambição.

RAINHA DOS MERCADOS.—Orgulho desmedido de si propria, inteligente, energia moral, assimilação intelectual, amor á estetica, ideias elevadas, generosidade, bom gosto, impulsiva, tem que se arrepender algumas vezes de ter seguido o impulso, tem a intuição mas não a segue... e engana-se a maior parte das vezes.

PADEIRA DE ALJUBARROTA. — Espirito vivo, optimista e disposto sempre a fazer bem... Um tanto fantasista, amor aos livros, curiosidade, orgulho sem vaidade, reserva e discreção, lealdade, e franqueza de alma, originalidades artisticas.

DAMA ERRANTE

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—«*A DAMA ERRANTE*».

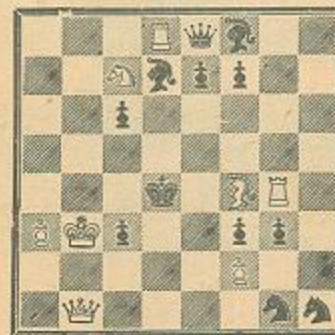
RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 57

Por A. Van des Ven 1924 (1.º premio)

Pretas (12)

(Brancas (8)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 55

1 B 6 D

Resolveram os srs. Marques de Barros, Sueiro da Silveira, Grupo Albicastrense, Vicente Mendonça, José Pereira de Figueiredo e Zagalo Fernandes,

Transcrevemos de «O Seculo» a seguinte noticia:

«No Gremio Literario prosegue com muita animação o Campeonato Nacional de Xadrez, a que nos temos referido.

Nas ultimas sessões houve o seguinte resultado:

Serie A: A. da Silva vencedor do dr. Travassos Lopes e major Veiga.

Dr. Antonio Joyce empata com dr. Mario Machado.

Serie B: dr. João Maria da Costa empata com E. Pelen e ganha a Martinho da Rocha e C. H. de Freitas.

C. H. de Freitas ganha a Ribeiro de Almeida.

Serie C: A. Pires empata com João de Roure e ganha a F. da Silveira.

João de Roure ganha ao dr. Damas Mora e a F. da Silveira e empata com Rogerio Cardoso.

F. da Silveira empata com o dr. Damas Mora.

Actualidades gráficas

O CARNAVAL EM LISBOA

O cortejo dos academicos entrando na Praça dos Restauradores com a guarda de honra á frente.

Galera do Teatro S. Luiz, transportando algumas lindas actrizes.

DR. HENRIQUE DE CARVALHO

ESCRITOR DE MERITO assim justificado na sua ultima obra intitulada Maria do Minho e Chico Sereno e cujo sucesso de venda se registou em todo o paiz.

Promovidos pelo Ex.mo Sr. Dr. Barbosa Viana, Governador Civil de Lisboa, realisaram-se na Avenida da Liberdade interessantes festejos Carnavalescos, que ali atraíram enorme concorrencia.

Um momento de luta no corso da Avenida entre dois automoveis. («Cliehés» Garcez e Raul Reis).

As gloriosas azas ibericas!

Em cima: a fôrça possante e magnifica do «Plus Ultra».
Em baixo: a fragilidade nervosa e gentil do «Lusitania».

Publicidade

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

Dr. Octaviano de Sá

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Duas flores da Raça!

Laura Costa, a linda portuguesa! Rosita Rodrigo, a castiça espanhola!

NUMERO DEDICADO A COLONIA ESPANHOLA DE PORTUGAL.